

Como a restauração florestal pode ser estratégica para o Brasil

Contar com a ajuda da própria natureza para continuarmos a ter água, comida, fármacos e solos férteis é um bom negócio para a produção de diversos produtos e serviços

Por Laura Antoniazzi e Rubens Benini*

É cada vez mais evidente que estamos passando por grave crise ambiental, com a mudança do clima já gerando desastres, como eventos climáticos extremos, irregularidade de chuvas, aumento expressivo da infertilidade do solo e perda de polinizadores e da biodiversidade em geral.

Somada a esses problemas ecológicos, a crise social global, com alarmantes níveis de desigualdade, fome e guerras, torna o mundo hostil para esta e as próximas gerações. Todas essas questões estão interligadas e as consequências afetam a segurança global, ameaçando a estabilidade pública e social.

No Brasil, a crise socioeconômica é notável, com o agravamento da fome e da miséria trazendo o tema da segurança alimentar para o centro do debate público.

VOZES DO AGRO

GOBORU'AL

LAURA ANTONIAZZI
COLÍDER DA FORÇA-TAREFA
DE RESTAURAÇÃO
COALIZÃO BRASIL

RUBENS BENINI
COLÍDER DA FORÇA-TAREFA
DE RESTAURAÇÃO
COALIZÃO BRASIL

**A PROTEÇÃO E RESTAURAÇÃO
DAS FLORESTAS VAI GERAR
EMPREGO E RENDA, ACELERAR
O CRESCIMENTO ECONÔMICO
E O POTENCIAL DO PAÍS EM SE
TORNAR O CELEIRO DO MUNDO,
NÃO APENAS EM PRODUÇÃO
DE ALIMENTOS, MAS TAMBÉM
EM PRODUTOS FLORESTAIS
E SERVIÇOS AMBIENTAIS**

Dentre as várias soluções para esses desafios, acabar com o desmatamento e recuperar áreas degradadas, trazendo as florestas e a vegetação nativa de volta, estão entre aquelas com maior eficiência, e o Brasil pode ter maior destaque nessa agenda.

Contar com a ajuda da própria natureza para continuarmos a ter água, comida, fármacos e solos férteis é um bom negócio para a produção de diversos produtos e serviços.

Assim, a ONU decretou o período de 2021 a 2030 como a Década da Restauração de Ecossistemas, de modo a amplificar a relevância e contribuição da restauração ecológica para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), tão importantes, porém ainda distantes, como combate às mudanças climáticas, segurança hídrica e erradicação da pobreza.

A Lei de Proteção da Vegetação Nativa (conhecida como Novo Código Florestal) é tida por muitos como o grande incentivo para a restauração no Brasil, apesar de já caminhar para seu 11º ano com poucos avanços concretos na recuperação dos passivos ambientais.

Em especial, a recuperação das Áreas de Preservação Permanente (APPs), que cumprem papel crucial para a manutenção hídrica e formam corredores naturais de biodiversidade, deveriam ser prioridade de política de governos, do setor privado e da sociedade civil.

Em paralelo aos esforços para aplicar essa lei, deve-se ainda considerar outros incentivos e abordagens que ampliem os impactos positivos da cadeia da restauração.

Estudo recente indicou que podemos gerar mais de 2,5 milhões de empregos com a agenda de restauração de florestas no Brasil, o que contribuiria consideravelmente para diminuir a taxa de desemprego no país.

Do lado da oferta da restauração, é fundamental atuar com técnicas de baixo custo, como regeneração natural assistida e semeadura direta, atreladas a métodos que gerem retorno econômico, como os sistemas agroflorestais nas suas diversas modalidades.

Pesquisa e desenvolvimento

É importante haver pesquisa e desenvolvimento aplicados de forma a gerar inovação, com melhores técnicas, processos e economia de insumos.

O Brasil traçou esse caminho em diversas cadeias agrícolas, com a atuação conjunta do setor público, proprietários rurais e empresas, e podemos fazer o mesmo na cadeia da restauração.

Assim como o sucesso da silvicultura de árvores exóticas (em especial eucalipto) contribuiu para a eficiência do plantio de mudas nativas, outras sinergias e troca de experiências podem beneficiar a restauração dos ecossistemas.

Do lado da demanda, é preciso identificar mercados viáveis baseados em produtos e serviços que podem vir de áreas restauradas, incluindo os serviços ecossistêmicos (carbono, água, biodiversidade).

A restauração de florestas nativas com viés econômico pode se tornar financeiramente atraente para os proprietários de terra, desde que se conecte mercado e produção, trazendo uma série de produtos, como frutas (açaí, jussara, cacau, pitanga) e castanhas (do Brasil, baru, sapucaia), que podem ter amplo uso na alimentação, cosméticos e fármacos.

O desenvolvimento desses mercados, no entanto, depende de uma integração de políticas públicas e privadas, como apoio para beneficiamento e comercialização, criando, assim, cadeias de valor baseadas na bioeconomia.

Opções concretas de garantia de compras desses produtos seriam o incentivo econômico para lhes dar escala.

Exemplos

Há também alguns exitosos exemplos de programas de restauração atrelados a Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA), como é o caso do Conservador da Mantiqueira (que abrange os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) e o Programa Reflorestar, no Espírito Santo, dentre outros.

Como replicá-los? O marco legal federal precisa ser regulamentado e operacionalizar tais incentivos financeiros, aliando o cumprimento da Lei de Proteção da Vegetação Nativa ao interesse de produtores rurais em receber incentivos financeiros pela restauração florestal, em especial a ecológica e, assim, trazer maior qualidade ambiental para toda sociedade.

Nesse cenário, as operações de restauração nas suas diversas modalidades e escalas precisam ser aperfeiçoadas em diferentes frentes. Há de se considerar o balanço necessário entre reduzir custos e a geração de emprego e renda em vários elos da cadeia da restauração.

Métricas para avaliar os impactos sociais ainda precisam ser melhor desenvolvidas. Grupo de coletores de sementes, viveiros de mudas, pessoas e empresas aptas a realizar os serviços de implantação e manutenção da restauração, assim como serviços relacionados ao monitoramento, formam oportunidades que estão passando por processos de profissionalização, o que requer capacitação e coordenação.

Em síntese, a proteção e restauração das florestas vai gerar emprego e renda, acelerar o crescimento econômico e o potencial do país em se tornar o celeiro do mundo, não apenas em produção de alimentos, mas também em produtos florestais e serviços ambientais. Sabemos qual caminho trilhar. Que iniciemos rapidamente essa jornada.

**Laura Antoniazzi é sócia e pesquisadora sênior da Agroicone, colíder da Força-Tarefa de Restauração da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura e secretária-executiva da Araticum – Articulação pela Restauração do Cerrado; Rubens Benini é gerente em Restauração Ecológica na The Nature Conservancy (TNC), colíder da Força-Tarefa de*

Restauração da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura e conselheiro do Pacto pela Restauração da Mata Atlântica

Obs: As ideias e opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam, necessariamente, o posicionamento editorial da revista Globo Rural